

“Brasil: ame-o ou deixe-o”: a produção de sentidos do discurso totalitário

Marlete Sandra Diedrich¹

Abstract: The subject of this article is the dialogic relations established between the linguistic materiality and elements from the extra-verbal and contextual situation of the opening sequence “Brazil, love it or leave it”, produced by the television channel SBT in November/2018. The reflection is based on the speech dialogical analysis, consolidated on Bakhtin and the Circle studies, aiming to explain the dialogic relations established in this discourse practice considered as a totalitarian speech in Brazil’s post-presidential election scenario. The study reveals two main positions: a) The vignette by the SBT channel, during the presidential elections, given its appreciative orientation and its direction, represents a strong symbol with positive valuation of the military dictatorship in Brazil, which occurs via metonymic relations. b) The referred vignette during the post presidential period reveals an attempt of speech blending through the idea of exclusion of every appreciative orientation that might exist. Therefore, there is a speech investment on the placement of this vignette that allows us to declare the totalitarian bias that exists in it on the extra-verbal and context situation.

Keywords: SBT’s vignette; dialogism; elections.

Resumo: O tema deste artigo são as relações dialógicas estabelecidas entre a materialidade linguística e os elementos da situação extraverbal e contextual da vinheta “Brasil, ame-o ou deixe-o”, produzida e divulgada pela rede de televisão aberta SBT, em novembro de 2018. A reflexão está ancorada na análise dialógica do discurso, a partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin, com o objetivo de explicitar as relações dialógicas estabelecidas nesta prática discursiva considerada como um discurso totalitário no cenário político do Brasil pós-eleições presidenciais. O estudo revela duas proposições principais: a) A veiculação da vinheta pela rede de televisão SBT, no período mencionado, dada sua orientação apreciativa e seu direcionamento, representa uma forte simbologia com valoração positiva do período de Ditadura Militar no país, o que ocorre via relações metonímicas. b) A veiculação da referida vinheta no período pós-eleições presidenciais revela uma tentativa de homogeneização do discurso por meio da ideia de exclusão de toda e qualquer outra orientação apreciativa que possa se manifestar. Portanto, há um investimento discursivo na veiculação da vinheta que permite afirmar o viés totalitário por ela assumido na situação extraverbal e contextual.

Palavras-chave: vinheta SBT; dialogismo; eleições.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – RS.

Introdução

No escopo da temática sobre totalitarismo e práticas discursivas, propomos uma reflexão acerca das relações dialógicas estabelecidas entre a materialidade linguística e os elementos da situação extraverbal e contextual da vinheta “Brasil, ame-o ou deixe-o”, produzida e divulgada pela rede de televisão aberta Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, em novembro de 2018, período pós-eleição presidencial no país.

O trabalho ancora-se na análise dialógica do discurso, a partir dos estudos de Bakhtin e seu Círculo. Esclarecemos, desde já, que, devido à debatida questão de autoria dos “textos contestáveis” de Bakhtin, seguimos aqui uma estratégia sugerida por Vasilev (2006, p. 302), segundo a qual “a maioria dos pesquisadores prefere falar no ‘Círculo de Bakhtin’, onde nasciam umas ou outras ideias ou alguns textos, evitando dizer qualquer coisa de caráter categórico em relação a isso”. Esclarecemos que não vamos problematizar neste artigo a questão da autoria dos textos, por isso, optamos por afirmar que buscamos nos estudos de Bakhtin e seu Círculo os fundamentos que nos guiam neste trabalho.

Em uma época de intensa crise política e de descrença perante as ações do governo, antes e após as eleições presidenciais, a população brasileira depara-se com diferentes práticas políticas e discursivas. Muitas delas, com discursos totalitários, deixam explícita a relação entre linguagem e poder, utilizando a mídia para a propagação de tais discursos. Neste cenário, cabe lembrar a proliferação de manifestações, em especial, nas redes sociais, que propagam o ódio e incitam milhares de pessoas a aderirem a esses discursos que assumem posições preconceituosas e de ataque a minorias, na maioria das vezes. Entendemos que as práticas discursivas totalitárias compõem, com o discurso de ódio, um mesmo quadro enunciativo que merece um olhar dos estudiosos do texto e do discurso. Isso porque acreditamos que, uma vez propagados, faz-se necessária a análise atenta desses discursos e das vozes que deles surgem. Além disso, o avanço dos estudos da área do discurso, a configuração de linhas e de grupos de pesquisa que se ocupam do tema é uma realidade nos Programas de Pós-Graduação do país, o que permite que possamos, nos dias atuais, proceder a uma análise científica do fenômeno, o que confere à temática e aos trabalhos realizados seriedade e legitimidade.

Inserimo-nos na linha dos estudos dialógicos do discurso. Nesse contexto, os conceitos que provêm da concepção de enunciação discutida nas obras do Círculo de Bakhtin, como dialogismo e o enfoque na linguagem sob o ponto de vista social, histórico e cultural, são convocados para iluminar a questão. Bakhtin e o Círculo discutem e propõem um olhar para o estudo da língua a partir da interação verbal e a essência social do discurso. Para os estudiosos deste Círculo, toda a atividade humana está ligada ao uso da linguagem, com enunciados concretos e únicos.

Assim, este artigo tem como objetivo explicitar as relações dialógicas estabelecidas nesta prática discursiva de veiculação da referida vinheta, considerada como um discurso totalitário no cenário político do Brasil pós-eleições presidenciais. Seguindo o modelo metodológico da análise dialógica do discurso, descrevemos o enunciado concreto, seus signos e suas características enunciativas; analisamos as relações dialógicas e as vozes evocadas pelo enunciado; e interpretamos os sentidos mobilizados na relação entre o enunciado e o contexto extraverbal, o qual envolve aspectos históricos representativos da realidade social.

Para tanto, organizamos a apresentação do artigo da seguinte forma: inicialmente, abordamos a relação dos fundamentos bakhtinianos, em especial, aqueles diretamente

relacionados ao conceito de dialogismo com as práticas políticas vigentes à época de sua produção, para, a partir dessa relação, discutir a configuração do período histórico marcado pela Ditadura Militar no Brasil e sua repercussão na prática discursiva, a qual é considerada, neste trabalho, como totalitária; de posse dessa relação, voltamo-nos para a especificidade da abordagem enunciativa bakhtiniana frente ao discurso totalitário, o que nos leva a aprofundar a discussão sobre o conceito de dialogismo. Por fim, voltamo-nos para a análise da vinheta referida, mobilizando, para esse fim, os conceitos teóricos trabalhados.

Práticas políticas totalitárias e a prática discursiva

Com Zandwais (2009), entendemos o quanto os estudos bakhtinianos e do Círculo, em especial, a proposta de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009), contrapõem-se à visão de língua como abstração e passam a propor reflexões sobre a vivência de língua na infraestrutura, inscrevendo os fenômenos ideológicos na realidade concreta do povo. Assim, segundo a autora, a grande tese proposta pela crítica bakhtiniana em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é refletir em torno das relações de produção e interação vivenciadas no cotidiano da sociedade e as formas como tais relações são discursivizadas. A autora lembra, e isso é extremamente relevante na nossa proposta, que é importante recuperar o período em que a obra foi escrita, o qual foi marcado por um contexto histórico, na Rússia, em especial nos anos em que o livro foi publicado, 1929-1930, muito específico: nele se destaca a hegemonia do regime de Stalin, o qual, segundo a autora, busca o esquecimento e a fragmentação da história, por meio, principalmente, de práticas discursivas, como a destruição dos nomes das praças e das ruas que pudessem estar relacionadas ao período leninista. Trata-se de parte de um projeto que coloca em prática a tese do “socialismo nacional”, a qual se baseia na ideia de “homogeneização de todo o povo”. Para realização de tal projeto, destaca-se a ação de Nicolai Marr, linguista cujos estudos se voltavam à difusão da ideia de uma língua hegemônica, capaz de se situar acima da massa social.

Conforme Zandwais (2009), o que Marr apregoa é uma língua homogênea, uma espécie de língua do Estado, que forja um identitário homogêneo, o que, para nós, estaria a serviço de uma política totalitária e que permite algumas associações, obviamente, com as devidas exceções e diferenciações particulares, com a situação discursiva promovida pela veiculação da vinheta pela rede de televisão SBT em novembro de 2018.

Ousamos fazer tal comparação, porque, para todos aqueles que são conhecedores da história, o ressurgimento do enunciado “Brasil: ame-o ou deixe-o”, em pleno período pós-eleitoral, não pode ser visto apenas como uma infeliz coincidência protagonizada pela rede de televisão, uma vez que ela reacende ideais e significações da época da Ditadura Militar no país, conhecido como “anos de chumbo”, rótulo justificado em função da inflexibilidade e violência das ações governamentais em relação a discursos e ações divergentes. Levando em conta os princípios bakhtinianos e do Círculo sobre enunciação e interação, vemos a veiculação da vinheta, assim, como um fato simbólico. E, justamente por isso, colocamos em destaque a noção de tema e significação na enunciação.

Fazem parte do tema os elementos não verbais da enunciação que envolvem a organização das formas linguísticas, seu entorno histórico, inclusive. Assim, a veiculação da vinheta de mesmo enunciado do período da Ditadura Militar traduzirá sempre parte do

tema do qual fez parte, da sua origem. Por outro lado, tal enunciado será atualizado pelo novo entorno histórico em que passa a vigorar. Neste contexto, pautamo-nos na ideia de significação, a qual, segundo Bakhtin (2009), está relacionada aos elementos linguísticos que compõem a enunciação e representa, assim, a significação das palavras que fazem parte dela. É importante lembrar que tema e significação são indissociáveis, e juntos compõem a enunciação. Justamente por isso, entendemos que não se pode fragmentar a realidade e interpretar a veiculação da vinheta como um fato isolado, esquecendo-se da história e dos eventos políticos passados que a revestem.

Segundo Bakhtin (2009), há a necessidade, portanto, de se pensar como as ideologias constroem laços simbólicos no seio da infraestrutura, o que não ocorre de forma transparente, mas na mediação histórica entre as classes, com enfoque nas transformações produzidas no cotidiano da vida e nos setores de produção e do conhecimento, envolvendo os modos de circulação de determinados sentidos nas relações vivenciadas pelo povo. Faz-se necessário aqui recuperarmos os conceitos de infraestrutura e superestrutura. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009), esses conceitos são discutidos à luz da força da oposição bakhtiniana em relação a uma visão de linguagem separada dos fatos históricos. É por essa razão que os autores defendem a ideia de uma inversão de hegemonia: ganhariam destaque, a partir desta visão, os fenômenos simbólicos constituídos na base, na vida cotidiana do povo, elementos constitutivos da infraestrutura, e os quais, mediante relações complexas de transformação social e discursiva, estabelecer-se-iam também nas superestruturas, constituídas pela realidade política, artística, religiosa,... A oposição bakhtiniana, portanto, dá-se em relação às ideias de Marr acerca da linguagem, uma vez que, segundo os estudiosos do Círculo, a proposta de Marr seria uma visão falaciosa da complexidade linguística, numa tentativa de impor o culto ao nacionalismo, sem respeito às simbologias advindas do proletariado e de sua vivência de linguagem.

Dessa forma, a nova relação proposta em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009) focaliza nas relações discursivas no seio da vida social, no cotidiano das relações simbólicas e firmadas na memória do povo, já que a prática discursiva numa dada língua é concebida como aquela constituída pelos fatos históricos.

Qual a relação, então, de tais conceitos com as práticas discursivas totalitárias vividas no Brasil? Em primeiro lugar, deixemos clara a noção de prática discursiva totalitária que assumimos neste artigo. Gagliardi (2013) afirma que a linguagem totalitarista seria uma estratégia eficaz de dominação, uma vez que “exerce o controle do ser humano de dentro pra fora” (2013, p. 60). A prática discursiva totalitária, ao limitar as ideias e os formatos do dizer, via discurso, controlaria também a forma como o homem atua no mundo, obrigando-o a falar coisas que não desejaria e privando-o de expressar sentimentos e pensamentos que, para ele, seriam vitais. No âmbito dos estudos dialógicos do discurso, é possível ver a prática discursiva totalitária como uma tentativa de negação de outras orientações apreciativas, de outros valores que não aqueles impostos pelas agências de poder, destacando-se, na atualidade, entre elas, a imprensa e as mídias digitais. Em segundo lugar, voltamo-nos para o contexto em que nasceu o enunciado “Brasil: ame-o ou deixe-o”, ou seja, o período de Ditadura Militar no Brasil. Conforme Fernandes (2009), nos “anos de chumbo”, a violência marcou muitas ações institucionais do governo, tornando sistemáticas certas práticas repressivas como a tortura e o extermínio. Tais ações eram justificadas por meio de um discurso de perseguição, segundo o qual se apregoava a

existência de “uma guerra interna”, na qual o inimigo se revelava naqueles que, porventura, questionassem e se opusessem ao modelo político-econômico vigente. Assim, foram gerados os “desaparecidos”, pois o regime militar, com essa prática, obteve uma grande eficiência repressiva aliada a uma responsabilidade mínima. Outras práticas coercitivas foram utilizadas pelo regime de exceção, entre elas, a censura, que funcionou como um eficaz instrumento repressivo. Oficializada legalmente em 1967 com a Lei de Imprensa, adquiriu um caráter cada vez mais violento com o AI-5, atingindo seu apogeu no governo Médici.

Apesar de mobilizarmos informações e conhecimentos desenvolvidos por outras áreas do conhecimento, situamo-nos no terreno dos estudos linguísticos do discurso. E é desse terreno que tecemos nossas considerações, uma vez que não temos competência nem autoridade para procedermos a uma análise política ou econômica da realidade do período mencionado. Bem situados em nosso terreno, acreditamos que nos aproximamos do que afirma Bakhtin; Volochínov (2009, p 42): buscamos explicitar “como o signo reflete e refrata a realidade em transformação”, uma vez que os signos mobilizados na interação refletem os interesses de uma época, mas também refratam os seres neles refletidos e isso se deve ao confronto de interesses sociais. E, justamente por essa razão, estabelece-se o discurso totalitário: “A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente” (2009, p. 48). O que se tem são índices de valor contraditórios em função das diferenças de interesses das classes que se servem da mesma língua. Ao tentar tornar o signo monovalente, o que sempre ocorre em períodos e regimes políticos marcados pelo totalitarismo, impõe-se a prática discursiva também totalitária. Impõe-se um determinado ponto de vista acerca de uma realidade e este, por movimentos simbólicos realizados pela aparelhagem estratégica que serve aos grupos dominantes – à superestrutura, portanto. Esse movimento advém de uma necessidade gerada na infraestrutura, ou seja, nas relações de produção que definem a economia.

Destacamos, nesse contexto, o fato de que “toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 140). Essa orientação apreciativa é o que orienta a escolha dos elementos da enunciação. Ela está relacionada aos aspectos da existência do homem e ao horizonte social que o caracteriza. Assim, ao analisarmos a veiculação da referida vinheta a partir do ponto de vista bakhtiniano, é importante levar em conta as mudanças que caracterizam a sociedade desde o Período da Ditadura Militar no Brasil e o período atual no qual figura tal enunciado. Ao optar por este enunciado, a rede de televisão SBT realiza alguns movimentos simbólicos que merecem atenção. Primeiramente, como nada do que se diz ou se veicula em linguagem é neutro, é evidente que o enunciador, ao revelar sua opção por um enunciado que marcou o período de Ditadura Militar no Brasil e o veicula num novo contexto político e social, assume uma determinada orientação apreciativa, a qual merece ser analisada, envolvendo, portanto, o material extraverbal. Em segundo lugar, faz-se necessário olhar para a especificidade do enunciado, para suas marcas linguísticas, as quais parecem revelar um apelo que se volta a uma estabilidade da corrente da dialética da evolução social. Obviamente que esses dois aspectos se encontram imbricados e um implica o outro para ser, de fato, compreendido. Por essa razão, voltamo-nos na sequência ao conceito de dialogismo em Bakhtin, pois entendemos que toda a questão posta em cena em nosso trabalho se sustenta neste conceito.

As relações dialógicas

De posse das ideias apresentadas até aqui, voltamo-nos para o grande conceito que permeia toda a obra bakhtiniana e do Círculo, o conceito de dialogismo. Do que afirmamos anteriormente, é possível entender por que os estudiosos propõem uma filosofia da linguagem no âmbito de um contexto político social: trata-se de apresentar uma visão dialética em oposição a uma visão unidirecionada e mecanicista dos fenômenos ideológicos, o que coloca no centro da discussão acerca da linguagem o fenômeno dialógico. Nesse contexto, torna-se extremamente relevante o conceito de “ubiquidade social”, (2009, p. 42), apresentado pelos autores ao afirmarem que a palavra penetra em todas as relações entre indivíduos, sejam elas de colaboração, de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, entre outras. A partir desse raciocínio, o autor apresenta a ideia de que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. A vinheta analisada neste artigo, concebida como palavra, representa um indicador das mudanças ocorridas na sociedade e retratadas nas interações dela derivadas.

Seguindo essa linha de raciocínio, vemos nas noções bakhtinianas um pensamento absolutamente original sobre a relação entre língua e sociedade que contribui para inúmeras análises no campo da linguística, mas também na história, na antropologia, na educação, entre outras. Assim, como já afirmamos, para a compreensão de práticas discursivas em meios caracterizados pelo totalitarismo, a relação proposta por essa linha de raciocínio apresenta-se como um caminho bastante produtivo.

O posicionamento do autor diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que se constituem no uso da língua delinea o dialogismo como conceito unificador das obras do Círculo. Para Bakhtin; Volochínov (2009), a língua em uso, concreta e viva, é dialógica. Dialógica tanto no estreito diálogo entre duas pessoas, quanto em uma ideia mais ampla, em que o discurso de um é constituído a partir do discurso de muitos outros. Toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas e o estudo dessas relações se situa em uma nova ciência, que ele denomina de metalinguística, a qual parece ultrapassar os limites da linguística, ao menos, da linguística como era concebida na época em que o termo foi usado pelo autor.

Nas análises em metalinguística, as relações dialógicas da língua levam em conta o material linguístico, mas também o ponto de vista histórico, cultural e social. Bakhtin e seu Círculo afirmam que “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2009, p. 125). A exteriorização do pensamento humano, a expressão de cada indivíduo por meio de palavras é de natureza social e é um puro produto da interação social. Portanto, a veiculação de uma vinheta cujo enunciado remete a um período da Ditadura Militar no país traz consigo a associação aos resultados de uma política governamental marcada pela intolerância, o que provocou o exílio de muitas pessoas, a cassação de outras tantas, com punição severa de todo aquele que, de alguma forma, principalmente no espaço universitário, se colocava contra as ações do regime. Sendo social, a língua, no uso cotidiano, é fortemente carregada de conteúdo ideológico, de conteúdo relativo à vida. O sentido daquilo que falamos e ouvimos só pode ser determinado pela realidade social e cultural, pelos envolvidos na interação e pelos efeitos que esse dito causa nas pessoas e na sociedade. Dessa forma, percebe-se que

O centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na significação que ela adquire no contexto. [...] para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2009, p. 96)

A concepção de enunciação e de interação verbal está calcada no meio social. Aos poucos, percebe-se que os atos de fala são socialmente dirigidos, determinados pelas pressões sociais, configurando-se a relação entre infraestrutura e superestrutura, anteriormente exposta. E até mesmo a própria atividade mental (concretizada ou não pela fala) realiza uma modelagem ideológica influenciada pela orientação social, adaptando-se ao contexto. Os autores ainda afirmam que “[...] o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2009, p. 123), tamanha é a força que os sistemas ideológicos e sociais têm sobre o discurso.

Já que a enunciação só existe interligada no meio social, produzir enunciados em uma interação social é viver efetivamente em sociedade. Na obra *Estética da Criação Verbal* (2011), Bakhtin e o Círculo reafirmam essa ideia, dizendo que “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. (BAKHTIN, 2011, p. 265). Assim, as análises do emprego da língua não podem separar os enunciados do contexto social em que foram empregados. Por essa razão, vemos na veiculação da referida vinheta uma relação de significação altamente afetada pelos contextos sociais: o imediato, concernente à sua veiculação, o que, por si só, já é uma realidade complexa, dados os diversos valores e apreciações políticas que caracterizam o público da rede de televisão SBT; e o anterior, da Ditadura Militar, constituindo uma relação constitutiva e dialógica entre eles.

Entender a noção precisa da natureza do enunciado, nos trabalhos de investigação do material linguístico concreto, faz-se fundamental. Operamos sempre com enunciados concretos, pois “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciado (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Nessa concepção, a unidade da língua (oração) se distingue da unidade da comunicação discursiva (enunciado), pois uma oração tem natureza e fronteiras gramaticais, mas quando ela se torna um enunciado pleno, na interação concreta entre falantes, ele ganha uma moldura de natureza diversa. E é com enunciados plenos e concretos que o discurso se constitui, porque “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado permanente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2011, p. 274).

Por essa razão, algumas peculiaridades do enunciado merecem ser descritas aqui, pois serão utilizadas na sequência na análise proposta neste trabalho. O enunciado pleno, assim chamado por Bakhtin (2011, p. 278), possui qualidades e peculiaridades que são próprias dele, distinguindo-o da oração, unidade da língua. O enunciado, como unidade da comunicação discursiva, possui algumas propriedades, como o contato imediato com a realidade, a expressão subjetiva do falante, o diálogo com o discurso do outro, a responsividade.

Como já dito anteriormente, o enunciado é envolvido pelo contexto, e somente nesse contexto que ele “adquire o seu sentido pleno em determinadas condições concretas de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 288). Dessa forma, não conseguimos obter o sentido do enunciado isolado e visto apenas como forma gramatical, pois possui um significado abstrato. Só na situação concreta percebemos a expressão da posição do falante.

O enunciado concreto, relacionado ao contexto, possui um autor, alguém que toma a palavra, mostra suas ideias sobre determinado tema e relaciona-se emotivamente com o enunciado. O enunciado contém, então, o elemento expressivo, que revela a individualidade. Como ressalta o autor, “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Existe sempre um juízo de valor, por mais imparcial que pareça ser o enunciado. Por isso, não se pode compreender o enunciado simplesmente como palavras da língua, mas como enunciações valorativas de determinada realidade concreta em determinada comunicação discursiva. A identificação dos elementos expressivos não é prévia, as palavras podem até carregar determinada entonação em seu significado, mas a confirmação dessa expressividade só ocorre no momento da interação.

Entretanto, ao contrário do que poderíamos pensar, o enunciado não se constitui somente pela individualidade do falante, ele é influenciado pelos enunciados já ditos e pelas palavras dos outros. Os estudos ressaltam que “Em realidade, repetimos, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam” (BAKHTIN, 2011, p. 300). O dialogismo, numa visão bakhtiniana mais ampla, ressalta que nenhum enunciado é isolado. Todos fazem parte de uma grande rede de enunciações históricas, de interações constantes e contínuas com os enunciados dos outros na comunidade social compartilhada.

Nessa rede de enunciações, pode-se dizer que a propriedade fundamental e constituinte do enunciado concreto é o direcionamento. Todo enunciado tem um autor e um destinatário, sempre presumindo resposta. E é nessa alternância de sujeitos, ao mesmo tempo falantes e ouvintes, que a enunciação acontece. A língua só acontece nessa interação, já que:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. [...]. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou aquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271)

Todo enunciado concreto e pleno suscita resposta: uma resposta instantânea, uma resposta silenciosa, ou ainda, uma resposta de efeito retardado. Um enunciado ouvido e compreendido está sendo respondido, mesmo que de maneira silenciosa. A resposta gera discursos subsequentes sobre aquele assunto, muda atitudes e comportamentos no ouvinte, leva à produção de outros enunciados no futuro. Para suscitar esse comportamento responsivo, todo enunciado é, de alguma forma, direcionado/endereçado a alguém. Assim, um enunciado concreto pressupõe um destinatário, que pode ser um participante-interlocutor direto no diálogo, alguém imaginado, um grupo específico, a coletividade, ou até mesmo um *outro* indefinido. Sabedores disso, questionamo-nos: a quem se dirige a vinheta do SBT? Quem é este outro?

Sem dúvida, o destinatário tem grande força e influência na composição do enunciado, por isso, o direcionamento é uma peculiaridade constitutiva e determinante. Enfim, todo enunciado é resultado de uma interação entre sujeitos que estão o tempo todo em uma atitude responsiva sobre o discurso um do outro, e também fazendo menção aos enunciados já produzidos em uma articulação social muito maior de comunicação humana.

É importante lembrar que, para Bakhtin e o Círculo, as relações dialógicas não se confundem com a prática do diálogo, como a conversação espontânea. Elas são muito mais amplas e complexas. É sabido, assim, que, mesmo enunciados separados um do outro, seja pelo tempo ou pelo espaço, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas, uma vez que envolvem um sujeito social, o qual pode aderir ao dito, reprová-lo, confrontar ideias ou ampliá-las. Segundo Faraco (2006, p. 66), as relações dialógicas são relações entre índices sociais de valores. Em relação a essa questão, destacamos uma das ressalvas apresentadas por Bakhtin (2011, p. 121) em torno da questão: as relações dialógicas são tão amplas que não podem se limitar à ideia de debate ou polêmica tão simplesmente. Elas se presentificam também no debate, mas se complexificam em situações que podem envolver a confiança na palavra do outro, a palavra de autoridade, entre tantas outras que caracterizam a vida em sociedade. Acreditamos que o fato específico que nos propomos a discutir neste artigo, envolvendo a veiculação da vinheta, representa essa amplitude das relações dialógicas, pois envolve vozes sobrepostas que se tencionam no debate pós-eleitoral.

Estando explicitada a questão, ao menos, para os limites deste trabalho, voltamo-nos à análise.

A vinheta e o discurso totalitário: uma análise possível

Consideramos necessário, em nossa análise, situar a veiculação da vinheta no contexto em que ocorreu. A rede de televisão SBT colocou em sua grade de programação, no início do mês de novembro de 2018, vinhetas consideradas de temática nacionalista. Uma delas usa a canção *Pra Frente, Brasil*, conhecida como a música-tema da seleção da Copa de 1970, outra apresenta o *Hino Nacional*. Entre elas, a mais polêmica foi a que apresentava o enunciado: “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Ao nos propormos a analisar a vinheta veiculada pela rede de televisão SBT, “Brasil: ame-o ou deixe-o”, trabalhamos com as seguintes proposições recuperadas do exposto até aqui:

Proposição A

A veiculação da vinheta pela rede de televisão SBT no período mencionado, dada sua orientação apreciativa e seu direcionamento, representa uma forte simbologia, com valorização positiva do período de Ditadura Militar no país, o que ocorre via relações metonímicas.

A partir da proposição A, afirmamos o que segue. É esta orientação apreciativa que determina a escolha do enunciado, realizando o que Bakhtin (2009, p. 140) afirmou: “(...) na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação”. Ao optar por sua veiculação, a rede de televisão afirma ou reafirma seu horizonte apreciativo, o qual representa os interesses de um determinado grupo social. Não há, portanto, enunciado neutro. Tal proposição só é possível porque se volta ao contexto histórico no qual se dá a enunciação. Isso ocorre por meio de uma relação metonímica de construção da significação. Primeiramente, em relação ao que significa Brasil: é correto afirmar que o signo Brasil não está se referindo ao país como tal, mas a um determinado ponto de vista e a um conjunto muito específico de ideais, atrelado ao momento atual vivido no país: a eleição do novo presidente. Há, portanto, uma significação construída com

base no recurso da parte representando o todo: o grupo que chega ao poder representa o Brasil como um todo. Amar o Brasil, neste caso, representa amar o conjunto de ideias apresentadas pelo novo presidente eleito e seus apoiadores, o que aponta para um movimento de exclusão de toda e qualquer voz que possa se opor a tais ideias. Mas a relação metonímica de construção da significação não se esgota nesta questão. Em segundo lugar, o enunciado da vinheta funciona como uma simbologia que remete à Ditadura Militar, sendo assim, temos novamente a parte representando o todo, uma vez que reacender uma vinheta nacionalista que marcou o período da Ditadura Militar no país reacende também os ideais e ações deste período, numa verdadeira recriação da realidade vivida. São sentidos, portanto, que se refletem e se refratam no período atual.

E, nesse sentido, é importante lembrar que tanto naquele período como agora os veículos de informação, entre eles, a televisão e as redes de televisão, assumem um papel extremamente ativo na divulgação, produção e manutenção de um determinado valor apreciativo, uma vez que chegam à casa da maioria com grande força argumentativa. Além disso, a veiculação de vinhetas garante uma interação rápida e eficiente, sem grandes investimentos intelectuais para sua assimilação. E, como se não bastasse isso, nos dias de hoje, o conteúdo veiculado em qualquer veículo de informação acaba por ganhar força muito maior nas redes sociais digitais, espaço nos quais os conteúdos são replicados numa velocidade e num alcance muito maiores. Não há, portanto, uma grande separação, na sociedade digital em que vivemos, entre meios de comunicação e seu alcance, porque tudo, de uma maneira ou de outra, acaba por cair nas redes digitais, realizando o estabelecimento de interações altamente superficiais, mas eficientes na propagação do discurso totalitário. Realiza-se assim o que afirma Bakhtin:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifo do autor).

E, nesse contexto, a responsividade e seus diferentes formatos também merecem atenção. Justamente por assumir uma apreciação, o enunciado se presta à responsividade: dirige-se a um grupo social e espera que esse grupo responda de alguma forma. E as respostas chegam de diversas maneiras, comprovando o caráter dialógico do discurso: ao mesmo tempo em que há os que se sentem ofendidos com a veiculação da vinheta, há aqueles que veem nela o entusiasmo nacionalista e patriota. Nesse jogo de posturas, a SBT acaba por retirar do ar esta vinheta, justificando em nota na imprensa que se tratou de um equívoco. Neste momento, no entanto, as reações já haviam sido manifestadas. Logo, o ato de retirar a vinheta do ar não anula a prática discursiva, uma vez que a palavra já havia sido dita, efetivando-se a interação.

Proposição B

A veiculação da referida vinheta no período pós-eleições presidenciais revela uma tentativa de homogeneização do discurso por meio da ideia de exclusão de toda e qualquer outra orientação apreciativa que possa se manifestar.

A partir do que propomos em B, afirmamos que a orientação apreciativa está explicitada na materialidade linguística de que se compõe o enunciado, uma vez que o uso da conjunção “ou” confere ao enunciado um caráter de exclusão em relação à referência que procura criar, o que permite a seguinte interpretação: todos devem amar o Brasil; aquele que foge a esta regra deve deixar o país, uma vez que não há espaço para ele no Brasil.

Além disso, é importante lembrar que essa voz homogeneizante ganha credibilidade no contexto das eleições, uma vez que a decisão das urnas representa, em nosso país, uma decisão da maioria, realidade que contribui, no momento em questão, para legitimar a proposta discursiva apresentada, a qual, tal ocorreu no período de Ditadura Militar, reveste-se de um ideal nacionalista capaz de calar as vozes dissidentes, uma vez que essas podem ser a voz do inimigo. É inimigo todo aquele que não ama o país. As relações dialógicas, assim, são anunciadas no próprio enunciado da vinheta por meio da ideia de exclusão veiculada pelo OU, ao mesmo tempo em que se mostram desiguais, já que uma tem o poder de excluir, de calar a outra. Lembramos, no entanto, que as relações dialógicas nunca são anuladas, mesmo quando uma voz é calada, pois a tentativa de calar uma das vozes ou de excluí-la já representa, conforme Sobral; Giacomelli (2016), a sua existência.

Segundo Bakhtin (2010), toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, envolvendo os atos de concordar, discordar, aceitar, re- futar, ponderar ou ignorar, atitude que é marcada por uma determinada visão de mundo, de uma atitude frente à própria vida. Moulon; Viana (2012) afirmam que cada enunciado é marcado pela posição de seu enunciador.

No texto *O discurso no romance*, de 1934-1935 (BAKHTIN, 2010, p. 100), o autor afirma: „a palavra da língua é uma palavra semialheia. Ela só se torna ‚própria‘ quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com sua orientação semântica e expressiva“. Isso porque o interlocutor, real ou presumido, não é passivo. Ao perceber e compreender o sentido do discurso, o interlocutor ocupa simultaneamente em relação ao locutor uma ativa posição responsiva. O enunciado da vinheta, portanto, frente ao seu caráter excludente no que diz respeito à diversidade de pontos de vista que constituem a vida em sociedade, acaba por tentar negar a manifestação da opinião dissidente. Afirmamos que se trata de uma tentativa, porque, afinal, conforme já explicitamos, a responsividade sempre ocorre.

No caso específico desta enunciação, há alusão aos enunciados de muitos outros no próprio enunciado da vinheta, o que acontece de forma indireta: ao enunciado da Ditadura Militar, ao enunciado de quem discorda de quem “ama o Brasil”, ao enunciado de “quem não ama e, portanto, deve deixá-lo”. Há o reconhecimento das vozes sociais implicadas, e justamente por isso se configura a prática discursiva totalitária: reconhecem-se as diferentes vozes e por essa razão há um investimento linguístico explícito no enunciado em silenciá-las.

A teia dialógica constituída de vozes sociais representa o “tenso embate dialógico que dá dinamicidade à língua enquanto realidade social vivida”. Nesse sentido, Faraco complementa a definição de vozes sociais:

As vozes sociais são conceituadas como complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo que o refletem, o refratam. Nossa cognição é necessariamente historicizada e semiótica. Assim, nós nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais e de valores. Essa heterogeneidade axiológica se materializa nas vozes sociais. É ela que torna polissêmicos os signos linguísticos. E polissêmicos não porque as palavras têm muitos sentidos (como costumemente lemos nos manuais de linguística), mas porque a semântica de nossos enunciados remete sempre a diferentes modos refratados de dizer o mundo: eles significam em relação a vozes sociais. (FARACO, 2007, p. 47).

Essa ideia comprova que nenhum enunciado se encerra em si, que nenhuma prática discursiva pode ser isolada, ao analisarmos um desses enunciados estamos enredados numa teia muito maior de sentidos refletidos e refratados na interação.

Considerações Finais

É possível afirmar, por fim, que a análise de qualquer interação verbal só pode ser efetivamente compreendida quando relacionada e vista à luz das propriedades do enunciado concreto e pleno. O direcionamento dos enunciados, como a vinheta aqui analisada, e as influências do meio social no qual estão inseridos são de fundamental importância na hora da busca de sentido dessa interação, que faz parte de uma cadeia da comunicação discursiva e não pode dela ser separada.

O grande contexto, social, cultural, político, econômico, ideológico, no qual circulam os enunciados produzidos, constitui todo o discurso. A enunciação, na visão bakhtiniana, será sempre produto do diálogo entre indivíduos socialmente organizados. Assim, o enunciado só pode ser compreendido na interação em que ele se apresenta, pois enunciados sozinhos e isolados não possuem sentido pleno e necessitam da esfera de produção, circulação e recepção. É por meio do olhar ao amplo contexto que motiva a interação que conseguimos uma plenitude de sentido, sem a relação com o meio social, nenhum enunciado se sustenta.

O trabalho de discussão e análise aqui realizado apresenta, via proposições, resultados que mostram o lugar histórico-social e as posições discursivas mobilizadas pela rede de televisão SBT em relação ao seu público, sujeitos dessa interação. Como o enunciado foi propagado após a vitória de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil, as relações sociais e políticas que formam a rede de sentidos desse discurso ficam ainda mais complexas. Chega-se à conclusão de que esse enunciado pode se configurar como um exemplo da emergência de uma prática discursiva totalitária, estruturada na mídia de massa.

A vinheta, como um enunciado concreto situado em uma determinada situação social, mostra-se como um resultado de inúmeras vozes e redes dialógicas de interação, instauradas no contexto social e político do Brasil. Salientamos a importância de estudos nessa vertente teórico-metodológica, promovendo a discussão sobre a relação entre discurso e sociedade, linguagem e poder.

Nesse contexto, apoiamos-nos no dizer de Fiorin (2016, p. 60), o qual entende que, conforme a filosofia bakhtiniana, a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações

sociais de que participa o sujeito. Por isso, em Bakhtin, o sujeito não é assujeitado, ou seja, submetido às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade. O princípio geral do agir é que o sujeito atua em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação.

Voltamo-nos para o evento de veiculação da referida vinheta com o objetivo de explicitar as relações dialógicas estabelecidas nesta prática discursiva considerada como um discurso totalitário no cenário político do Brasil pós-eleições presidenciais. Com a apresentação das duas proposições anteriores, acreditamos ter explicitado como se dão tais relações. No entanto, resumimos tais proposições nas seguintes considerações que finalizam este artigo e visam explicitar o ponto de chegada de nossa reflexão:

- 1) Não há enunciado neutro, portanto, a rede de televisão SBT, ao veicular a referida vinheta, assumiu uma determinada posição que, via mobilização do simbólico, constrói sentidos no tempo e no espaço social que ocupa.
- 2) A noção de totalitarismo é afirmada na ideia de exclusão discursivizada pela construção alternativa (ou ame-o ou deixe-o), pela relação que estabelece com o período militar associada ao novo momento político vivido no país pós-eleições presidenciais.
- 3) Mesmo numa prática discursiva totalitária, as vozes se presentificam e duelam entre si. O que caracteriza o discurso totalitário, portanto, não é a ausência de vozes dialógicas; mas é justamente o reconhecimento de sua existência por parte dos grupos totalitários que provoca a emergência do discurso totalitário. Esse discurso luta, na arena dialógica, para silenciar aquelas vozes cujas orientações apreciativas se revelam diferentes e, principalmente, contrárias.

E, por fim, quando esses discursos assumem espaços midiáticos, sempre é importante lembrar que é na arena discursiva que os duelos sociais se constituem. Faraco (2011) demonstra que o “olhar de fora” configura-se como uma das orientações mais fundamentais da estética bakhtiniana, mas este olhar não está exclusivamente vinculado à estética:

O conceito de excedente de visão, contudo, não ocorre em Bakhtin apenas no contexto de sua estética. Sua reflexão sobre o princípio criativo fundamental leva-o a desenvolver uma complexa filosofia da alteridade (cf., em especial, seu texto *Para uma filosofia do ato responsável*). O conceito de excedente de visão vale, assim, também para suas reflexões sobre a vida e participa de uma articulação de coordenadas que fundamentam sua filosofia geral: a singularidade de cada um, a alteridade, a interação. E, ao articular por dentro essas coordenadas, Bakhtin sustenta toda uma ética. É no excedente de visão – em seu sentido, pressupostos e consequências – que vamos encontrar o chão comum para a estética e a ética em Bakhtin. (FARACO, 2011, p. 25, grifo do autor).

Temos, neste caso, segundo Rigo (2015), a afirmação da impossibilidade de um sujeito ver-se por inteiro, ele depende de um outro para essa tarefa. Tal fator de insuficiência interdita, segundo Faraco (2011, p. 26), a “fusão de horizontes”, isto é, “a anulação da minha singularidade (do meu excedente) no outro”. Em outras palavras, essa insuficiência impulsiona a interação, pois “é o excedente de visão dos outros que responde às minhas carências; a alteridade tem um papel constitutivo fundamental – o “eu-para-mim” se constrói a partir do “eu-para-os-outros”. (FARACO, 2011, p. 26).

Por isso, acreditamos que as redes de televisão, as mídias em geral, desempenham um papel extremamente importante e, portanto, de muita responsabilidade, o que exige cuidado com as ideias que veiculam, uma vez que representam, para muitos, o excedente de visão que complementa o sujeito, constituindo-o.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2011. Tradução de Paulo Bezerra.
- _____. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010. Tradução de Aurora F. Bernardini et alii.
- _____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. In: *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Tradução de Paulo Bezerra.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FERNANDES, Ananda Simões; DOMINGOS, Dharles Sidarta Machado. Entre lágrimas e risadas: o ensino do Período Médico através das charges do Pasquim. *Revista Ágora*, 2009. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/1839/1344>. Acesso em: 01 de maio de 2019.
- GAGLIARDI, Ana Paula Denadai. *1984: uma metáfora totalitarista*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013. Monografia de conclusão de curso.
- MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana*, Rev. Estud. Discurso, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de maio de 2019.
- RIGO, Karina de Almeida. *O movimento responsivo e o arranjo tópico em sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2018. Disponível em: <tede.upf.br/jspui/handle/tede/1482>. Acesso em: 05 de abril de 2019.
- SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, vol. 10, n.3, jul./set. 2016. P. 1076-1094. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em 02 de maio de 2019.
- VASILEV, Nikolai L. *A história da questão sobre a autoria dos “textos disputados” em estudos russos sobre Bakhtin* (M. M. Bakhtin e seus co-autores). In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 290-304, 2006.
- ZANDWAIS, Ana. O papel das leituras engajadas em Marxismo e Filosofia da Linguagem. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, n. 4, p. 1-8, 2009.

Recebido em: 30/05/2019; Aceito em: 11/06/2019